

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

CEARÁ COLONIAL, UM PALIMPSESTO: MAPAS, PODER E A PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO.

Profa. Dra. Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis¹, Ana Livia Bezerra Alves²

Resumo: A pesquisa tem como objetivo analisar a História da produção cartográfica no Ceará colonial, catalogando-as e fazendo um estudo sobre as perspectivas que ordenaram a produção de mapas para o Ceará e as disputas de poder que as ensejavam, tendo em vista que as cartografias foram os instrumentos primordiais da manipulação desse espaço. Nelas, o sertão era devassado, exposto, conhecido, manipulado, fabricado. Os tracejados presentes nas folhas envelhecidas têm função definida, não são representações inocentes desse espaço, implicam interesses, jogos de poder, conflitos. Nada nos mapas está neles impresso por acaso. Para o entendimento do que constitui o território, será feito um estudo de outras documentações, buscando escritos dos autores do mapa, as que fazem referência ao território que irá ser trabalhado.

Palavras-chave: Cartografia. Território. Ceará. Colônia. Decalque.

1. Introdução

A Carta Marítima e Geographica da Capitania do Ceará (1817) de Antonio José da Silva Paulet, é considerado um dos primeiros desenhos da cartografia portuguesa para as terras cearenses. Nele, foram demarcados os limites para a capitania, linhas que muito se assemelham aos limites atualmente considerados, fato que contribuiu para tornar célebre a Carta Marítima de Paulet, sendo também, na parte inferior do lado direito, inclusa a Planta da Villa da Fortaleza e seu Porto. No entanto, mais do que isso, ela consiste numa interpretação do Ceará pelos seus colonizadores, e, enquanto assim for, ela também é fonte histórica e documentação possível para a compreensão desse palimpsesto que é o território cearense, no qual estão inscritos diversos Ceará's, constituídos a partir das vivências de seus habitantes.

Um mapa ou representação cartográfica, longe de apresentar uma verdade, reprodução exata, sobre qualquer ambiente, é uma interpretação possível dele, para a qual também contribuíram inúmeras relações nele e com ele estabelecidas. Conforme Fernand Joly, "mesmo o mais detalhado dos mapas é uma simplificação da realidade. Ele é uma construção seletiva e representativa que implica o uso de símbolos e de sinais apropriados". Sobretudo porque a cartografia é a representação numa face plana da superfície terrestre que é curva, operação que agrega uma série de dificuldades. Mas também porque, através de símbolos, o mapa científica sobre formas, objetos, fatos e relações contidas no espaço que procura representar. Nesse sentido, o mapa pode ser compreendido como instrumento que localiza, orienta, avalia distâncias e também convence.

1 Universidade Regional do Cariri, email: anaisabel.reis@urca.br

2 Universidade Regional do Cariri, email: analivia.alves@urca.br

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

Deleuze e Guattari, na proposição de Mil Platôs, trazem contribuições que auxiliam na análise das construções cartográficas, a partir da relação que empreendem entre os conceitos de Mapa e Decalque. Antes de qualquer sistematização de ambos, no entanto, é necessário compreender que os autores utilizam esses conceitos para propor a noção de Rizoma. Rizoma, em botânica, se trata de uma espécie de raiz de algumas plantas, geralmente subterrâneas, cuja forma leva a uma imprecisão de marcos que possam ser entendidos como princípio e fim. Os autores aproveitaram as características empregadas pela botânica em plantas rizomáticas: "o rizoma tem nele mesmo formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos". E argumentaram que o rizoma, enquanto conceito filosófico, compreende "linhas de segmentaridade a partir das quais é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar".

Dessa forma, Deleuze e Guattari inferem que não existe um grupo de fatos ou proposições primeiras das quais tenham derivado, por meios lógicos, os secundários e seguintes. Pelo contrário, tudo (absolutamente tudo) é elaborado simultaneamente a partir de interrelações despidas de qualquer hierarquia, podendo qualquer ponto ser conectado a outro, sem um centro, em multiplicidade. Decorre disso, ser o rizoma "oposto ao grafismo, ao desenho, ou a fotografia", se constituindo como algo "sempre desmontável".

Nesse sentido, propõem: o mapa é rizoma, o decalque, não. O mapa "é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, susceptível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social". Enquanto o decalque quebra o rizoma, traduz o mapa em imagem, é um único reflexo, é neutralização de um ponto de estruturação, sem múltiplas entradas e saídas, uma sequência estabelecida e cristalizada. É neutralidade, não permite variações, novas combinações, outro desempenho, por isso, deixa de ser 'performance' e se volta sempre a sua capacidade. Conforme os autores, o decalque pode ser ainda muito perigoso à medida que "não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa [o mapa]. (...) Ele injeta redundâncias e as propaga. O que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação".

O mapa possibilita a construção de um inconsciente que se conecta em seus múltiplos pontos, permitindo infinitas variações de suas linhas, não se extingue. Ele é a consciência do ambiente e, portanto, das inúmeras possibilidades de apreendê-lo, de percorrê-lo, de fazê-lo e desfazê-lo. Pode ser construído como meditação, como ação política, e mesmo como obra de arte. É o sempre imprevisível, não segue uma sequência lógica e hierárquica. Ele pode ser o que for a qualquer momento, fora da operação binária de novo e antigo.

Para compreender o mapa (ou vislumbrar sua multiplicidade de linhas) é válido, no entanto, projetar os decalques sobre os mapas. Os decalques são

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

possibilidades estabelecidas e organizadas do mapa. São parte dele, lhe compõem, ainda que não definitivamente: sob pena de anular o mapa, de transformá-lo num outro decalque. Mas são sinais do mapa. O cruzamento de dois ou mais decalques pode ajudar a entrever a multiplicidade do mapa.

Nesse sentido, a cartografia é pensada: sobretudo deve ser considerado o termo mapa. Para essa área do conhecimento, a referida palavra designa a projeção de um ou mais caminhos sobre uma superfície plana. É a imagem ou desenho de percursos ou espaços podendo agregar uma série de informações sobre o local que estiver em questão. No entanto, essa representação, na ideia de Deleuze e Guattari, é precisamente o decalque. Ela não expressa uma consciência do ambiente com toda sua intensidade e agenciamentos possíveis. Antes, é uma cristalização de certas linhas e estruturas, construída a partir de determinados interesses. De tal maneira que a Carta Marítima e Geographica da Capitania do Ceará de Silva Paulet, é o decalque de um mapa na qual uma multiplicidade de outros Ceará são inscritos e são possíveis.

2. Objetivo

Analisar a História da produção cartográfica no Ceará Colonial.

Catalogar as várias produções cartográficas.

Investigar as perspectivas que ordenam a produção de mapas (decalques) para o Ceará e as disputas de poder que as ensejavam.

3. Metodologia

A documentação cartográfica é compreendida nesta proposta como fonte para a pesquisa histórica. Nessa perspectiva, os mapas são considerados e estudados como instrumentos que foram estrategicamente utilizados pelo discurso oficial para projetar ou legitimar interesses e administrações públicas na constituição do território nacional ou regional. Nesse sentido, e, segundo Harley, os mapas "nunca são imagens isentas de juízo de valor e, salvo no sentido euclidiano mais estrito, eles não são por eles mesmos nem verdadeiros nem falsos. Pela seletividade de seu conteúdo e por seus símbolos e estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens". Somente assim, será possível mensurar em que medida essa documentação se presta às "manipulações por parte dos poderosos na sociedade" (HARLEY, 2009, p. 02).

Para a análise da documentação cartográfica a ser trabalhada será utilizado um Sistema de Informações Geográficas – SIG, que consiste em programa específico de produção de mapas a partir do georeferenciamento do espaço. Nas palavras de Aronoff (1995), o SIG "é definido pela aquisição, armazenamento e análise de objetos e fenômenos dos quais a localização geográfica é uma característica importante ou crítica para a análise". Esse sistema é trabalhado a partir de software específico, nesse caso, o ArcGIS. O referido software trata-se de um sistema coordenado e constituído por bancos de dados vinculados a referências espaciais que permitem a representação do espaço geográfico e de fenômenos que nele ocorrerem.

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

Além do mapa, o território é entendido como produto de uma construção, ambos são artefato ou produto social. Não resguardando, por conseguinte, qualquer possibilidade de constituição de um produto da natureza, dado e espontâneo. Dessa forma, e, longe de ser entendido como um espelho do território, o mapa cumpre um papel estratégico no exercício do poder do Estado: ele é instrumento fundamental na produção de territórios, via de regras unos e homogêneos. Aspecto que contribui, conseqüentemente, para o silenciamento de outras experiências com o território, como ocorreu no tenso processo de imposições das Razões de Estado sobre as demarcações das territorialidades nativas (não sem resistências). De maneira que, deve-se desnaturalizar mapas e territórios, bem como desconstruir as memórias espaciais que herdamos sobre eles (KANTOR et al, 2009, p. 12).

Para compreensão do que constitui o território, produzido e reproduzido nos mapas, é necessário o estudo de outras documentações. Em primeiro lugar, é preciso buscar outros escritos do autor do mapa, sobretudo as que se referem ao território trabalhado cartograficamente. No caso de Silva Paulet é possível o acesso ao texto Descrição Geográfica abreviada da capitania do Ceará, publicada na Documentação Primordial sobre a Capitania Autônoma do Ceará, da Fundação Waldemar Alcântara. O texto, muito embora tenha sido contestado pelo Barão de Studart como não sendo de autoria de Silva Paulet (e esta também é uma discussão que interessa a esta pesquisa), traz uma descrição das cidades e vilas do Ceará que detalha aspectos importantes do território, tornando possível a compreensão inclusive de que aspectos merecem destaque e detalhamento no espaço geográfico cearense no início do século XIX.

4. Resultados

A atual pesquisa encontra-se em processo inicial, após dois meses de pesquisa e investigação apresentamos o resultado. O projeto tem como objetivo incentivar a pesquisa em mapas históricos para a compreensão da produção de territórios e consciência geográfica no período colonial, ainda um campo de pesquisa histórica pouco desenvolvida, sobretudo na graduação em História; Contribuição para o debate historiográfico sobre a produção do Espaço e territórios no Brasil, superando a compreensão do espaço como ambiente vazio; Produção de um diálogo com a Geografia para propor um entendimento das relações entre a produção de territórios e a instituição de fronteiras para a produção de uma História, ou de um passado, para ele, que ultrapasse os liames de um determinismo espacial. As atividades desenvolvidas têm como objetivo a capacitação da pesquisadora no trabalho com a reprodução de cartografias históricas e no estudo das mesmas na perspectiva histórica. A pesquisa juntamente com o estudo das produções historiográficas, permitirão a bolsista formação acadêmica no âmbito da pesquisa científica, com destaque para a prática do ofício de historiador.

5. Conclusão

IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024



Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

O trabalho analisa a História da produção cartográfica no Ceará Colonial, buscando identificar as principais relações estabelecidas na produção da documentação cartográfica no Brasil (indicação de 'pioneiros', constituição de saber específico) para demonstrar como elas, por outro lado, contribuíram para a própria produção do cartógrafo em si e a sistematização de metodologia específica para a análise que combine a pesquisa em documentação cartográfica, aos desenvolvimentos da informática e pesquisa histórica.

6. Agradecimentos

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pela concessão da bolsa de Iniciação Científica, e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri (URCA), pela oferta do Programa de Iniciação Científica.

7. Referências

ARONOFF, S. **Geographic Information Systems: A Management Perspective**. WDL Publications. 1995.

HARLEY, Brian. **Mapas, saber e poder**. *Confins* [Online], 5 | 2009, posto online em 24 abril 2009. URL: <http://confins.revues.org/index5724.html>, pp.01-23.

JOLY, Fernand. **A Cartografia**. 10ed. Campinas: Papirus, 1990.

JUCÁ, Clovis. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense - algumas notas. **Anais do Museu Paulista**. vol.20 no.1 São Paulo Jan./June 2012.

KANTOR, Iris; BUENO, Beatriz P. S; & FERLINI, Vera Luciz A. Territórios em Rede cartografia vivida e razão de Estado no século das Luzes. *Anais do Museu Paulista*. SP: vol 17, n 02, pp. 11 – 15, jul/dez 2009.

REIS, A. I. R. P. C.; IRFFI, A. S. C. Tempo e espaço na produção de um território moderno. A "Pátria Cearense" na cartografia de Francisco Saturnino Rodrigues de Brito (1892). **Revista de História**, [S. l.], n. 179, p. 01-25, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.150777. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/150777>. Acesso em: 6 dez. 2023.